
“É

MUITA MISTURA”: PROJETOS
RELIGIOSOS, POLÍTICOS, SOCIAIS, MIDIÁTICOS,
DE SAÚDE E SEGURANÇA PÚBLICA NAS PERIFERIAS
DO RIO DE JANEIRO

Carly Machado

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Seropédica – RJ – Brasil

“Você vai conosco, Dona Maria?” Essa foi a pergunta. E a resposta: “Vou sim, mas vou chegar só na hora do show. Não vou lá antes não. É muita mistura”¹. O evento sobre o qual eu conversava com Dona Maria era o show do Ministério de Louvor Diante do Trono², realizado no Campo do Sargento dentro do Complexo do Alemão – RJ³, aproximadamente três meses depois de sua ocupação em novembro de 2010⁴ pelo Exército. A ocupação do Alemão foi uma ação empreendida dentro do escopo da política de pacificação do Estado do Rio de Janeiro. A organização do evento, parte do programa Rio Contra a Dengue, era uma parceria da TV Globo com o Governo do Estado e o Grupo Cultural AfroReggae⁵.

A ocupação dos chamados territórios pacificados no Rio de Janeiro não tem se dado exclusivamente através da presença da polícia e do exército. Serviços, projetos de empreendedorismo, negócios, empresas, algumas poucas políticas públicas e diversas entradas articularam-se em torno de estratégias de ocupação simbólica destas localidades. Uma ocupação simbólica com a intenção de não deixar “espaços vazios”, pois é supostamente neste “vazio” que o crime e o tráfico ganham força. Ou, como na tradicional afirmação cristã, “mente vazia, oficina do diabo”.

No Complexo do Alemão não foi diferente. Além da ostensiva presença do exército nos primeiros meses da ocupação, seu território foi também ocupado por diversos shows de música evangélica, promovidos por agentes estatais. Antes deste grande

show no Campo do Sargento, realizado em fevereiro de 2011, o qual pretendo aqui analisar, ainda em 30 de dezembro de 2010, um mês após a ocupação do Complexo, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) realizou um culto com a presença de cantoras conhecidas no mundo gospel acompanhadas pela Banda Evangélica do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro – a “Tropa de Louvor⁶” do Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE). Este evento, de menor escala do que o aqui analisado, contou com a presença de Fernanda Brum, Ana Paula Valadão e Ludmila Ferber⁷.

Enquanto as estratégias duras da segurança pública e seus impactos nas favelas cariocas vêm sendo largamente discutidas ao longo do tempo (Silva 2008, entre outros), eventos como este show no Alemão por vezes orbitam como elementos satélites e secundários de um contexto de coisas outras concebidas como efetivamente centrais e pertinentes à discussão. A análise de tais eventos, pretendo demonstrar, soma-se significativamente ao escopo de trabalhos em desenvolvimento sobre as políticas de pacificação do Rio de Janeiro, ao concentrar esforços na compreensão de situações aparentemente secundárias ao processo, mas que de perto revelam-se importantes campos de articulação dos diversos agentes políticos e especialmente morais presentes nestes contextos.

Um jogo de presenças e ausências: pensando sobre religião, mídia, mediações e o estado⁸ em suas margens

O dia do show do Diante do Trono, no Complexo do Alemão, em fevereiro de 2011, foi repleto de atividades, e fazia parte da campanha Rio Contra a Dengue promovida pela Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro. Sem a presença ostensiva do tráfico, afirmavam as vozes do estado, seria então possível a entrada no Alemão das ações de saúde pública e também entretenimento.

O Campo do Sargento, naquele dia, estava ocupado por diversos projetos ali integrados. Além do show gospel que se realizaria a noite, durante o dia outras atividades tomaram conta daquele espaço no Alemão. Em cada tenda, um programa diferente: 1) atividades lúdicas de prevenção à Dengue organizadas pela Secretaria de Saúde; 2) oficinas de maquiagem e qualidade de vida através da beleza conduzidos pela Natura⁹; e, 3) ainda através da Natura, uma banca de cadastro de novas “consultoras” que eram ali convidadas a engajarem-se no programa empreendedor desta marca. Também o Afroreggae tinha seu *stand*, apresentando os principais projetos da ONG e confirmando a consolidada “parceria que transforma” que tem com a Natura no financiamento de seus projetos. Grandes balões da TV Globo ornamentavam o espaço do show, suspensos no ar. Ao redor do Campo, circulando ou parados, carros e soldados do Exército Brasileiro que então ocupavam as ruas do Complexo. Dengue, saúde, beleza, Natura, religião, AfroReggae, Governo do Estado, TV Globo, Diante do Trono, Exército Brasileiro, dois antropólogos¹⁰. Dona Maria poderia ter razão: tudo isso realmente parecia “muita mistura”.

Como abordado por Oosterbaan (2009)¹¹, shows musicais evidenciam uma determinada política da presença que se dá através da produção de sons nas favelas do Rio de Janeiro. Em sua análise sobre a presença sonora de cultos evangélicos e bailes funk em uma favela carioca, Oosterbaan discute a importância da música e do som na compreensão da dinâmica relacional entre diferentes atores da vida social naquela localidade, seus projetos, e seus conflitos. A disputa pela supremacia sonora em um dado território era, naquele contexto, parte importante de uma disputa pela supremacia política entre a igreja e o tráfico.

Mas, enquanto a análise de Oosterbaan enfoca o papel da música em disputas identitárias entre grupos locais, os shows de música evangélica promovidos pelas forças militares em atos de ocupação territorial agenciam outra dimensão desta política da presença, dada sua configuração muito particular. A música gospel do show do Ministério Diante do Trono, no Alemão, apresentada como principal atração de um projeto de saúde promovido pelo governo fluminense, se traduz enquanto ocupação sonora do Complexo pelo Estado. E o som da pacificação é a música evangélica.

A higienização proposta por esta faceta do programa estatal de saúde Rio Contra a Dengue ia muito além do combate ao mosquito – que lá se fazia presente representado por um pobre rapaz que arfava de calor sob a fantasia de mosquito em pleno verão carioca. Este projeto de higienização apresentou-se neste dia, três meses após a ocupação do território, como um conjunto potente de higiene moral que procurava ocupar a alma da população do Alemão com a mensagem cristã pacificadora, sem deixar assim nenhum espaço vazio para a ocupação pelo diabo, sinônimo do crime e do tráfico.

Tal como analisado por Hirschkind (2006), a sonoridade – na articulação entre religião e esfera pública – participa intensamente da conformação de uma política moral e subjetiva. Analisando as fitas cassetes de sermões islâmicos, Hirschkind se contrapõe à afirmação de que estes sermões gravados em fitas são um instrumento de doutrinação militante, sugerindo que estes sermões servem sim como um instrumento de autoaperfeiçoamento ético e como um veículo para aperfeiçoar as sensibilidades e os afetos de uma vida piedosa. A ideia de paisagem sonora ética (*ethical soundscape*) de Hirschkind certamente nos ajuda a pensar casos como este do referido show no Complexo do Alemão onde se articulam projetos de subjetivação informados pelo estado, sua polícia, e sua política de governo.

Coadunando-me ao projeto de Meyer e Moors (2006), entendo a relação entre religião, mídia e esfera pública como uma perspectiva privilegiada para a análise da vida social e sua dinâmica. Como discutido por estas autoras, a relação entre as novas tecnologias de mídia de massa, assim como estratégias locais de apropriação destas tecnologias, tudo isso vem corroborando com a formação e criação de novas modalidades da experiência religiosa, bem como a conformação de subjetividades e sujeitos políticos.

Destaco, assim, no escopo desses interesses, a relação entre religião, mídia, política e formação de subjetividades. No Brasil, em geral, e no Rio de Janeiro, em

particular, uma análise política atenta ao campo de interesses próprio à relação entre religião e mídia tem, certamente, muito a oferecer. O caso do show do Ministério Diante do Trono aqui abordado é uma dentre várias situações analíticas privilegiadas. O estudo sobre a Marcha para Jesus realizado por Raquel Sant'Anna (2013), a questão da indústria fonográfica evangélica, tratada por Nina Rosas (2013), a industrialização da música evangélica, abordada através da trajetória de cantores gospel por Robson de Paula (2007), a análise dos vídeos da igreja Assembleia de Deus dos Últimos Dias que desenvolvi com Patrícia Birman (Birman e Machado 2012), todos estes exemplos confirmam a via privilegiada de se pensar religião no Brasil a partir da perspectiva da relação profícua entre religião e mídia, e também em articulação com questões de poder, estado, mercado, economia, dentre outras categorias analíticas centrais nestes trabalhos.

Outra categoria fundamental ao esforço analítico de se pensar a relação entre religião, mídia e política no Rio de Janeiro é certamente a de “mediação”. Shows, CDs, vídeos, eventos, todos estes produtos midiáticos, religiosos e políticos se realizam tendo por elemento central os “meios” que os produzem, mais do que seus produtos finais. Com os meios e mediações encontram-se pessoas, suportes tecnológicos, interfaces, modalidades de difusão, técnicas de produção, edição, estratégias de posicionamento, financiamento, enquadramentos políticos, religiosos, interesses, acasos. Analisar, portanto, o processo de mediação e os mediadores envolvidos nestas práticas midiáticas, religiosas e políticas, confere assim maior visibilidade à sua dinâmica de produção e não só exclusivamente aos produtos que dela resultam.

A ideia de mediação, tal como pensada por Latour (1997, 2001), opera com a perspectiva de que o trabalho de mediação é aquele que, através da criação de vínculos, modifica os elementos “originais” da relação. O olhar atento às mediações desloca assim o foco dos termos para as relações e o caráter produtivo e criativo das relações mediadas e seus mediadores. Na análise dos eventos aqui discutidos, pretendo privilegiar um olhar sobre as relações e os pontos de articulação evidenciados nos encontros acontecidos no campo.

Identifico nestes pontos de articulação entre eventos, situações, instituições e produtos, certos agentes sociais, culturais e/ou religiosos os quais opto chamar de *mediadores* por seu lugar central na construção ativa de significados e práticas através de sua ação de mediação. É através destes mediadores que o conjunto aparentemente confuso de diferentes elementos da vida social – tal como descrito neste evento analisado – torna-se mais do que uma soma fragmentada de pontos dispersos de uma cartografia frouxa, e forja-se em uma totalidade significativa, apesar de tal diversidade ou, melhor dizer, por causa dela.

Outra particularidade deste evento, além de uma conjugação potente entre religião, mídia, cultura, política, projetos estatais e programas religiosos, é a forma como esta configuração particular pode e deve ser pensada a partir da perspectiva da ação do estado em suas margens, como sugerido por Das e Poole (2004).

A obra de Das e Poole (2004), com a contribuição de diferentes autores que aceitaram o desafio de pensar uma “antropologia das margens” do estado, propõe como estratégia analítica e metodológica às ciências sociais distanciarem-se da imagem do estado como “uma forma de organização política administrativa racionalizada enfraquecida ou menos articulada” (idem:3) em suas margens. Sugerem as autoras, como contraponto a uma leitura weberiana do estado racional, a produção de um ângulo privilegiado de compreensão que se concentra no modo como as políticas públicas nas margens moldam as práticas políticas, regulatórias e disciplinares, que constituem o que se chama de estado. Assim, ao invés de se pensar a partir de uma concepção da ausência do estado em suas margens, se discute modos de presença do estado nestas margens, e como estas práticas conformam um olhar mais complexo sobre o estado, que não pela ótica exclusiva de um pressuposto gradiente de racionalidade.

O projeto de pacificação do Estado do Rio de Janeiro pode ser lido como um caso exemplar deste modelo questionado pela perspectiva de uma “antropologia das margens”. O discurso e as práticas da pacificação corroboram a concepção de um estado racional enfraquecido em suas margens, de modo que, antes da ocupação pelo exército, o Complexo do Alemão sofreria supostamente de uma ausência do estado e de políticas públicas. E que, após a pacificação, a entrada do estado teria então – e só então – se tornado possível. Pensando não a partir da ideia de ausência, mas da perspectiva da presença do estado em suas margens podemos, por um lado, questionar o pressuposto de “ausência do estado” antes da ocupação e, por outro (foco dessa análise), discutir os modos de presença do estado neste território e o complexo dispositivo de pacificação que revela um modo do estado fazer-se a partir de suas margens.

O show realizado no Complexo do Alemão em fevereiro de 2011 pode ser assim pensado como uma chave analítica importante para entender as ações do estado em territórios-alvo das políticas do projeto de pacificação no Rio de Janeiro no presente momento. Em suas margens, o Estado pacificador fluminense conforma um conjunto *sui generis* de agentes do social, do político, do cultural, do midiático e do religioso, constituindo-se a partir destas agências e conformando um complexo dispositivo de discursos, práticas e instituições. O evento aqui retratado é um caso exemplar no qual diferentes *missões* se articulam diante da tarefa de *redenção* de territórios e populações perigosas¹².

Para problematizar as ideias de “missão” e “redenção”, tomo como ponto de partida a abordagem foucaultiana sobre a relação entre religião e política em “Segurança, território e população” (Foucault 2008). Tecendo a fina teia da genealogia, Foucault analisa neste conjunto de aulas a formação das “razões de estado” modernas, articulando saberes e poderes de diferentes domínios da vida social, dentre eles o religioso. Como cerne deste aspecto de sua análise, Foucault discute o poder pastoral cristão enquanto elemento crucial da configuração do Estado Moderno, suas razões, práticas, instituições, discursos, articulando assim o sentido de seu conceito de “governamentalidade”. O pastorado, para Foucault, constitui um aspecto fundamental da

governamentalidade do Estado Moderno ao conformar um modelo de “condução das condutas”, “condução de consciências” e “governo de almas” indispensável à compreensão da produção de subjetividades governadas e governáveis. A constituição de subjetividades obedientes, e que têm a demanda por um governo, uma condução, um “pastor” que se responsabilize pelo rebanho e o guie.

Nesta análise, Foucault rediscute categorias que se constituem histórica e genealógicamente em um domínio simultaneamente religioso e político de forma muito interessante e particular: a figura do “ministro”, por exemplo, é uma destas categorias destacadas por Foucault. Ministérios e ministros constituem-se simultaneamente nos domínios do religioso e do político enquanto modalidades de governo de outros. Intrínseca aos dois domínios, a figura do “ministro” é assim, para Foucault, um bom caminho analítico para pensar a relação entre religião e política, colocando mesmo em cheque a certeza moderna de que estes seriam domínios diferentes. Na análise foucaultiana, o religioso e o político apresentam uma intimidade ímpar, inclusive nas bases da formação do Estado Moderno e suas principais categorias e modos de governo.

Em toda análise de Foucault neste trabalho, o autor investe nestas possibilidades analíticas de categorias operativas ao mesmo tempo do religioso (particularmente cristão) e do político, como a de “ministro”, já apresentada, mas também outras. Estão presentes na genealogia de Foucault as ideias de “pastorado”, “salvação”, “obediência”, “alma”, “rebanho”, todas debatidas a partir do potencial analítico que despertam para uma análise do político, do secular, do religioso e de sua constituição recíproca. Interesse-me, neste artigo, por perseguir o caminho proposto por Foucault, tomando as categorias de “missão” e “redenção” também como perspectivas analíticas privilegiadas de análise de fenômenos político-religiosos.

A análise de Monteiro (2012) é ainda importante e indispensável referencial teórico para uma antropologia das “missões”. Em seu trabalho sobre as missões salesianas, Monteiro apresenta a atividade missionária católica junto às populações indígenas como uma “forma de invenção material e simbólica de um território” (idem:165). A “missão” é assim, para Monteiro, um “artefato híbrido de interação que indexa equipamentos/aldeia” (idem:174). Tais elementos operam também como viés analítico pertinente às “missões” aqui discutidas, apesar da brutal transposição de contextos: ações e intervenções como as aqui analisadas podem ser pensadas como modalidades de invenção material e simbólica de territórios, e híbridos de equipamentos e a realidade local.

Neste sentido, em torno de “missões de paz” estruturam-se as ações do exército e da polícia no Complexo do Alemão, mas também se esboçam iniciativas de igrejas e projetos religiosos “missionários”, e ONGs com “missões” e visões voltadas ao manejo do social e cultural em áreas pacificadas. Também a mídia tem sua missão: transmitir os “fatos” e informar a população.

A categoria “missão” articula assim, em diferentes domínios, práticas e discursos voltados para projetos de futuro, compromissos de vocação, chamado, dedicação de vidas, programas de agentes externos sobre populações específicas (missões sempre se

reportam de um lugar para outro, de um grupo a outro). Pensar a partir do enquadramento das “missões” ajuda-nos a refletir sobre modos de mobilização e operação na vida social. Em torno da ideia de “missão”, e o que dela se pode derivar, é possível pensar religião e política de uma perspectiva privilegiada.

Penso o programa “missionário” dos agentes que se articulam no dispositivo de pacificação enquanto um projeto de “redenção”. Se a ideia cristã de “salvação” é explorada analiticamente por Foucault e outros autores, a categoria “redenção” tem contornos específicos menos discutidos que iluminam outros aspectos neste trabalho. “Salvação” refere-se à libertação de um determinado estado, enquanto na ideia de “redenção”, além de também uma concepção intrínseca de libertação, podemos pensar uma dimensão mais subjetiva de promoção de arrependimento, compensação de erros, de transformação qualitativa de um estado a outro. A redenção representa o fim da culpa pelos pecados cometidos. Estar redimido significa aceitar a salvação, e transformar-se a partir dela.

A articulação entre projetos de intervenção da segurança pública com projetos morais (religiosos e civis) mobilizam, a meu ver, de modo privilegiado, a conversão subjetiva das populações, mas não especificamente ao cristianismo, como pode parecer a princípio. Mas ao projeto de “paz” do Estado fluminense e suas razões. Compreendo assim, na análise que se segue, os modos como nos dispositivos de pacificação, diferentes mediadores implementam missões de paz voltadas à redenção das chamadas populações pacificadas.

Este que poderia ser só mais um dia em um diário de campo mereceu assim, a meu ver, tratamento metodológico e teórico diferenciados, dado seu sentido articulador entre pessoas e projetos religiosos e seculares, todos voltados à redenção do Rio de Janeiro no contexto específico da pacificação, informando uma compreensão mais detalhada da relação entre religião, mídia, política e cidade neste estado.

“Cultura da periferia”, música gospel, estado, ONGs, e o dispositivo da pacificação

O projeto Rio Contra a Dengue – no escopo do qual se realizou o show aqui analisado – não se constitui um evento isolado na história política e cultural do Rio de Janeiro. Ele é um exemplo de uma parceria consolidada entre o AfroReggae e as políticas públicas deste Estado.

Uma das propostas globais do AfroReggae é, em suas palavras¹³, “conectar mundos, juntar pessoas, mediar conflitos”. Seu projeto Conexões Urbanas, iniciado em 2001, tinha por objetivo promover shows gratuitos em favelas cariocas “com a mesma estrutura da zona sul”, nos termos oficiais do projeto. Em 2005, o Conexões Urbanas torna-se também um programa de rádio e, em 2008, realiza-se a primeira temporada do Programa de TV Conexões Urbanas, no canal Multishow.

Em 2010, tem início um subprojeto do Conexões Urbanas – o Conexões Urbanas Gospel. Seu primeiro show aconteceu dia 1^o de maio em São Gonçalo, fruto da

parceria entre o AfroReggae e a Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH). O evento à época fez parte das atividades do Rio Cultura de Paz, projeto integrante do Programa Nacional de Segurança com Cidadania (Pronasci), e gerenciado pela SEASDH, com o apoio da Prefeitura de São Gonçalo e o Jornal Extra do Rio de Janeiro. A presença do AfroReggae como mediador de eventos da segurança pública junto à mídia evangélica já havia, portanto, começado no Pronasci.

O gospel é agenciado pelo AfroReggae sobretudo como “cultura da periferia”. Articulando-se ao poder público não como uma organização religiosa, mas cultural, as parcerias do AfroReggae com o governo se dão assim pela via secular da “cultura” e vinculam-se com os mais variados campos, que não exclusivamente a segurança pública. No carnaval de 2013, por exemplo, o Bloco AfroReggae lançou a campanha “Luta contra a Aids”, da Secretaria de Saúde do Governo do Estado, patrocinadora do Bloco. Conforme relatado no site do Grupo Cultural AfroReggae, “com o tema ‘Os Super-Heróis’ [o bloco] inspirou o público na luta da paz e a luta contra o mal”.

Durante o Desfile monitores da Secretaria de Saúde do Governo do Estado do Rio de Janeiro distribuíram além de material informativo, camisinhas, porta-preservativos e ventarolas para os foliões. O Bloco contou também, com o grande parceiro no universo da música – FM O Dia. Além da sinergia com o Catraca Livre, com importante papel na web, para cultura e projetos sociais. A Red Bull também marcou presença no evento¹⁴.

Pensando a pacificação como um dispositivo, nos termos de Foucault (1988), enquanto um conjunto heterogêneo de discursos, de instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, princípios filosóficos, morais e ainda um delicado arranjo do dito e do não dito, conformando uma rede em que se relacionam estes elementos, destaco como elemento fundamental do dispositivo da pacificação fluminense um arranjo complexo de elementos estatais e não estatais. Enredado aos agentes do estado e suas instituições, existem outros agentes indispensáveis ao processo de pacificação, dentre eles a sociedade civil organizada em ONGs, e em especial no Rio de Janeiro, o AfroReggae.

Seja no campo da segurança pública, na área da saúde, da cultura, e ainda em diversas outras frentes de mediação de políticas públicas estatais onde identificamos sua atuação, o Grupo Cultural AfroReggae vem se consolidando como elemento operativo central da governamentalidade que, tal como pensada por Foucault (2008), aponta não para uma adesão exclusiva entre políticas de governo e instituições estatais, mas estimula sim leituras que ampliam as perspectivas sobre governos e as razões de estado, de modo a extrapolar um olhar restrito às ações nomeadamente estatais.

Pensar a governamentalidade significa assim pensar as relações entre as formas e as racionalidades de poder e os processos de subjetivação – formação de sujeitos

governáveis – problematizando questões relacionadas a quem pode governar, o que é governar, o que ou quem é governado e como isso é feito (Foucault 1979).

O “selo” de legitimidade garantido pelo estado ao acionar como mediador privilegiado de suas políticas sociais uma ONG como o Grupo Cultural AfroReggae evidencia o papel de governança desta instituição, eleita como mediador privilegiado das ações estatais perante determinadas populações fluminenses – preferencialmente a população favelada carioca. Confirma-se e produz-se assim a (aparente) legitimidade da pedagogia social do AfroReggae no Rio de Janeiro. Mas nem tudo é tão convergente.

Quando insisti com Dona Maria sobre a que “mistura” ela se referia quando falava do show, a esposa de pastor me disse, com uma expressão de desconfiança no rosto, que não entendia bem como o AfroReggae estava organizando um show do Ministério Diante do Trono. Disse que a ONG não tinha nada a ver com o evangelho. Perguntou-me, então, se eu me lembrava de um dos símbolos do AfroReggae: “uma mão preta fechada e levantada”, me lembrou Dona Maria.

Através desta dica, Dona Maria – que neste momento se comunicava com cuidado para não polemizar suas críticas – queria evidentemente me fazer pensar nos símbolos “afro” do AfroReggae e na relação religiosa destes símbolos com os cultos afro-brasileiros, demonizados pela mensagem pentecostal da qual Dona Maria comunga. Como alguém que estava pensando para além do show, aquela esposa de pastor não entendia a mistura que representava a suposta afinidade do AfroReggae com a música gospel. Disse que iria ao show, que era uma benção receber o Diante do Trono no Alemão, e que maravilhas podiam acontecer ali naquela noite, mas se recusava a participar do conjunto do evento para não compactuar com a “mistura”. Mistura que ela substancializou, mas em momento nenhum adjetivou.

Se no domínio do “cultural” os processos de legitimação do AfroReggae têm uma determinada história mais consolidada e forjada por linearidades e continuidades (tal como narrado em sua história oficial), na relação com o campo religioso, e em especial o evangélico, esta história é multifacetada e controversa.

Discuto o “religioso” aqui tendo em mente o debate sobre a genealogia da religião e as formações do secular, tal como pensadas por Talal Asad (1993, 2003), e discutidas por Emerson Giumbelli (2002, 2008), Patricia Birman (2003, 2012) e Paula Monteiro (2012). No amplo conjunto de questões suscitado por estes pesquisadores, compartilho com sua preocupação em analisar as condições históricas e políticas da construção das categorias “religioso” e “secular”, sua implicação com ideologias e projetos da modernidade, e sua conformação a contextos específicos dos Estados Nacionais.

Um show “gospel” organizado por uma ONG cultural pode ser pensado, a partir destes autores, enquanto a conformação de um projeto específico da relação entre religioso e secular/cultural no Rio de Janeiro. Neste projeto, a ideia de “cultura da periferia” seculariza o show evangélico e a mediação da ONG evita qualquer discussão mais densa ou controversa das relações entre o estado e as instituições religiosas, garantindo que fiquem intactas as sensibilidades laicas. Como discutido por Asad (1993),

o religioso e o secular são produções situadas histórica e politicamente em diferentes contextos, e circunstancialmente marcadas por relações de poder específicas. No Rio de Janeiro hoje, ONGs como o AfroReggae garantem a laicidade de parcerias políticas, por um lado, e, por outro, mediam a secularização de um projeto religioso de “paz cristã” central à pacificação fluminense.

Tomemos o caso particular da abordagem do AfroReggae sobre a mídia evangélica. O episódio “Mundo Gospel” do Conexões Urbanas assim justifica a pertinência do tema e sua importância na mídia nacional:

No Brasil já há 28 milhões de evangélicos, que consomem e alimentam um mercado de música gospel, moda, literatura e televisão. José Júnior entra nesse mundo e conhece também frequentadores de uma igreja evangélica pautada por uma doutrina diferenciada, a Bola de Neve, que atrai muitos jovens e foi a escolhida para a conversão evangélica de Marinara Costa e Regininha Poltergeist, símbolos sexuais que marcaram o início da década de 90¹⁵.

Aproximando-se da mídia evangélica, o projeto gospel do AfroReggae posiciona-se então na conjugação de diferentes elementos. De um lado, uma relação direta com o Governo de Estado em suas frentes relacionadas à “paz”, aos Direitos Humanos e à segurança pública, através do já citado Programa de Segurança com Cidadania (Pronasci) e atualmente em sua relação com o projeto de pacificação do Governo do Estado. Com a criação do projeto conexões urbanas gospel, por outro lado, a ONG trouxe para as ações de governo (no mais amplo sentido foucaultiano) a legitimidade “cidadã” de que os projetos de segurança pública precisavam. E o Estado conferia ao AfroReggae reconhecimento pelos serviços prestados à sociedade, assumindo em certa medida que o estado sozinho não é capaz de oferecer estes serviços de cunho social. E o “mundo gospel” completa este rebuscado quadro com a paz cristã, eficaz em redimir a cidade.

As conexões que assim se evidenciam deixam de parecer uma “mistura” inusitada, como percebidas por Dona Maria, e demonstram-se importantes articulações políticas, morais e ideológicas de projetos religiosos e seculares que têm por foco redimir as populações perigosas da cidade, promovendo a paz e reduzindo a violência. A pureza dessa missão é garantida por agentes que, conjugados, promovem uma sobreposição moral melhor do que qualquer blindagem. Sobre a desconfiança que se coloca acerca da segurança pública carioca, sobrepõem-se camadas purificadoras poderosas: a legitimidade da sociedade civil organizada, a integridade dos valores religiosos cristãos e a transparência da transmissão midiática.

Pensar através da ideia de redenção permite discutir um projeto de cunho político e religioso do Estado do Rio de Janeiro que visa, no escopo do projeto de pacificação, associar a intervenção política e estatal de libertação dos territórios das forças do tráfico

à concepção teológica cristã de libertação subjetiva do mal e do inimigo – ideia básica do conceito cristão de redenção.

A ocupação militar é assim “ungida em Cristo” e a paz que ela promove é a paz cristã que leva à liberdade. Procura-se assim afastar-se moralmente de qualquer possibilidade interpretativa que associe a presença do estado com uma prática ostensiva e violenta de militarização da vida cotidiana, visando controle e dominação. O soldado não é portanto aquele que faz o mal, mas o que leva o bem, a sentinela que guarda a cidade já que “se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela” (Salmos 127:1).

Além de libertar, redimir é perdoar, remir os pecados. Assim, a política de pacificação não só retira os traficantes do território, mas também perdoa as populações que se supõem, ou se afirmam, que haveriam se envolvido com o mal/crime por força das circunstâncias e falta de opção melhor. Ao mobilizar a gramática evangélica da nova vida em Cristo, o Estado do Rio de Janeiro e seus parceiros dão uma nova chance às populações perigosas de converterem-se ao bem e libertarem-se do pecado.

Sem oferecer políticas públicas e soluções institucionais incisivas de promoção de bem estar social, o estado oferece em suas margens (Veena Das 2004) um modelo moral que assegura os bons comportamentos mesmo em situações adversas, pois é deste modo que elas ainda se apresentam – adversas e precárias. Mas o crente é fiel mesmo diante do sofrimento.

Assim, pacificar torna-se redimir, remir. É um conjunto expressivo de ações político-religiosas vêm sendo acionadas pelo Estado no Rio de Janeiro para consolidar essa associação de sentidos. O show no Complexo do Alemão confirma-se assim não como um evento isolado, mas pode ser conectado a uma trama de eventos que articulam política, religião e mídia de modo relevante no contexto da segurança pública do Rio de Janeiro. Tal é a solidez destes encontros, que diferentes produtos desta “mistura”, ou melhor dizer, desta articulação, já se apresentam consolidados no espaço público: projetos gospel de ONGs não evangélicas, projetos políticos de grupos religiosos, projetos religiosos do estado, mídias evangélicas articuladas com o Estado e com a sociedade civil organizada, dentre diversas parcerias já existentes que, por tantas conexões consolidadas, complicam o uso exclusivo das categorias religioso, político, midiático, estatal para um conjunto particular destes agentes, e não outros. Podemos dizer, de outro modo, que tais articulações forcem-nos a repensar essas categorias a partir das situações particulares em que estas se produzem e conformam.

Este imbricamento entre o religioso e os projetos de paz militarizada produz efeitos também nos agentes religiosos que neles se envolvem. Se o discurso cristão bélico e guerreiro já se faz bastante presente em grupos pentecostais que acionam a lógica da “batalha espiritual” em suas mensagens (Mariz 1999), contornos mais particulares começam a ganhar forma e tornam mais evidentes convergências objetivas como a escolha do Ministério Diante do Trono para este show no Complexo do Alemão.

Ana Paula Valadão, líder do grupo Diante do Trono, dentre suas diversas atividades, realiza um culto voltado só para mulheres e um congresso denominado “Mulheres Diante do Trono”. Cabe destacar que esta multiplicidade de ações do Diante do Trono é o que configura seu “Ministério”. Na noite de sábado do Congresso de 2013, cuja filmagem está disponível na internet¹⁶, Ana Paula Valadão é apresentada ao público ali presente como a “Comandante” do “Exército de Mulheres de Deus”. A pastora entra então no culto fardada integralmente com uma roupa do Exército Brasileiro e realiza toda a celebração portando a Bíblia como uma arma, “a arma mais poderosa que um fuzil”¹⁷, afirma Ana Paula.

A “Comandante” convoca as mulheres ali presentes a uma marcha que dura mais de uma hora durante a qual todas a acompanham de pé, marchando em seus lugares da plateia, coordenadas por uma música que tem por base tambores como aqueles que sincronizam as marchas de um batalhão. “Manifestarei abundância de paz e de segurança”, diz Ana Paula Valadão. Estas mais de mil mulheres, ao final da celebração, tinham suas Bíblias nas mãos e gritavam, também em línguas, pela queda do inimigo. Ao fundo do púlpito uma bandeira do Brasil, e nas falas de Ana Paula a conclamação daquelas mulheres à salvação e à transformação da nação. A missão de paz do Ministério Diante do Trono ali se realizava com a gramática e a estética do Ministério da Defesa do Estado Brasileiro e suas forças armadas. E os ministérios e seus ministros, nos aponta Foucault, são importantes para pensar a articulação entre o religioso, o político e as razões de estado.

Não pretendo aqui aprofundar uma análise sobre o Ministério Diante do Trono, e nem tenho condições para tal. Rosas (2013) vem desenvolvendo este trabalho específico com profundidade, assim como outros pesquisadores presentes no campo. Destaco, no entanto, a articulação potente entre missões de paz, política, cristianismo e militarização expressas e performatizadas tanto no show gospel do Diante do Trono, no Alemão, como neste congresso de Mulheres, realizado por Ana Paula Valadão. Se o *ethos* militar neste culto para mulheres poderia ser lido exclusivamente pelo vício da “metáfora” da guerra espiritual, a imagem do show de Ana Paula Valadão dois anos antes cercado por tanques do Exército e seus soldados no Alemão nos faz pensar em imbricamentos mais complexos de discursos, práticas e instituições neste contexto, para além das metáforas.

Se o Ministério da Defesa do Estado brasileiro projeta uma pátria pacificada, o Ministério Diante do Trono almeja conquistar esta mesma pátria inteira para Cristo. Tudo deve assim ser colocado diante do trono. “Mulheres Diante do Trono”, o “Sertão Diante do Trono” (título do novo DVD deste grupo), músicas para crianças, caravana para Israel DT (Diante do Trono), melhor CD no Troféu Promessas 2013 (premiação da música evangélica brasileira, realizado com o apoio da Rede Globo), Centro de Treinamento Ministerial Diante do Trono (com cursos de Louvor e Adoração, Missões, Teologia Pastoral, Liderança e Transformação, entre outros), DTeen (para adolescentes). Reunidos, estes projetos mobilizam anualmente milhares de jovens, crianças

e adultos em torno do Ministério Diante do Trono, fazendo deste um mediador fundamental da cena pública brasileira – religiosa, política e midiática – na atualidade.

O projeto de pacificação do Rio de Janeiro e o Ministério Diante do Trono são dois grandes programas de governo, de governo de condutas, de consciências e de almas, nos termos de Foucault. A convergência destes dois programas em um só show no Complexo do Alemão conforma uma aliança potente de salvação e governo, reforçada ainda pela articulação através do Grupo Cultural AfroReggae e seus projetos. A articulação entre os programas de segurança pública do Governo do Estado do Rio de Janeiro, o Ministério Diante do Trono e o AfroReggae vêm assim se consolidando desde 2010, no primeiro show do Conexões Urbanas Gospel, realizado no âmbito do Pronasci (Programa Nacional de Segurança com Cidadania), já mencionado anteriormente.

Voltemos então ao Alemão no dia do show do Ministério Diante do Trono. Conversando com o chefe da segurança do evento, tratei o show daquela noite como parte do Projeto Conexões Gospel, do AfroReggae. Ele me corrigiu imediatamente: disse-me que aquele evento era parte do programa Rio Contra a Dengue, com apoio do AfroReggae na organização, mas não um show do projeto Conexões Gospel. Perguntei então sobre o balão do “Conexões Urbanas” que enfeitava ostensivamente o local do show. Ele me disse que aquilo era um equívoco. Afirmou que havia participado de todo planejamento do evento e que aquele não era um show do projeto Conexões Gospel. Questionei o suposto “erro” da presença do balão e o chefe da segurança concordou com o fato de que aquele era um “erro” bem adequado ao contexto. Mesmo não sendo um show oficial do projeto Conexões Gospel do AfroReggae, afirmo eu, aquele era um evento pertinente ao projeto gospel das conexões urbanas articuladas pela ONG.

O chefe da segurança com quem eu conversava, que também era um policial civil, não era evangélico. Nós já nos conhecíamos por outras entradas de meu campo de pesquisa, e nos encontramos ali por um acaso, mas certamente não por simples coincidência.

Conversei longamente com ele durante o show sobre suas crenças e do modo como elas participavam de suas escolhas profissionais e de seu engajamento social. Ele contou-me sobre suas “proteções espirituais”, sua relação com a umbanda e sobre como esse mundo espiritual era um apoio em sua profissão. Falou-me ainda de sua relação com o budismo, referindo-se a este campo como o motivador para seu engajamento social e sua participação no “Papo de Resposta”, projeto em andamento à época que envolvia policiais civis e membros do AfroReggae (tratarei deste projeto mais detalhadamente ainda neste artigo). O mundo gospel para ele era só trabalho. Dona Maria tinha uma pista correta em suas preocupações: de certa forma ela sabia que não era possível garantir uma “motivação cristã” nas ações do AfroReggae, e isso a incomodava.

Outro aspecto das religiosidades “não gospel” do AfroReggae é aquele associado ao seu líder e fundador José Júnior. Muito presente nas redes sociais, José Júnior indica de diferentes formas sua relação com o hinduísmo: “shiva o divindade hindu

da destruição e da transformação. sinto muito da sua força e essência ao meu redor” (sic) (*tweet* de Júnior em 12 de dezembro de 2010). José Júnior dá destaque à dimensão espiritual em sua vida, e relaciona esta dimensão à sua prática social no AfroReggae¹⁸. Júnior também tem sua missão.

Um olhar mais detalhado sobre um único show gospel nos coloca, percebe-se, diante de articulações variadas entre pentecostalismo, umbanda, budismo, hinduísmo, projeto social, música, mercado fonográfico, pacificação, policiais, redenção. Muita “mistura”, nos temos de Dona Maria.

Para realizar este esforço de análise de uma situação social específica e multifacetada, tomo por inspiração a abordagem metodológica de Max Gluckman (1986) que confere especial ênfase ao potencial analítico concentrado em uma situação social específica como âncora reflexiva de micro e macro políticas. Retomo aqui uma das descrições de Gluckman:

Os eventos ocorridos na ponte Malungwana – que foi planejada por engenheiros europeus e construída por trabalhadores zulus, que seria usada por um magistrado europeu governando os zulus e por mulheres zulus indo a um hospital europeu, que foi inaugurada por funcionários europeus e pelo regente zulu numa cerimônia que incluiu não somente europeus e zulus, mas também ações historicamente derivadas das culturas européia e zulu – devem ser relacionados a um sistema no qual, pelo menos uma parte, consiste de relações zulu-européias (Gluckman apud Feldman Bianco 1986:239).

“É muita mistura”, diria Dona Maria se estivesse presente na inauguração da ponte Malungwana. Gluckman, no entanto, vê naquela situação não uma mistura aleatória de pessoas circulando onde não deveriam estar, mas sim relações entre agentes sociais interdependentes cujos modos de relação se fazem visíveis naquele evento específico. Para empreender seu trabalho, Gluckman aciona os elementos de uma etnografia de longa duração a serviço da análise daquela dada situação particular e, a partir dela, elabora reflexões especificamente sobre o conjunto de relações ali configuradas situacionalmente, procurando também dar conta do que dali se depreende acerca de questões sistêmicas e estruturais.

Mesmo não me coadunando com seus interesses teóricos estrutural-funcionalistas, em efervescência diante dos processos de mudança na África do Sul à época de sua investigação da Zululândia, e crítico à sua análise dos conflitos quase sempre sob a ótica da “harmonia” das relações que denomina de “interdependentes” entre europeus e zulus, interesse-me pelo modo como Gluckman, com sua análise de uma situação social, abriu um caminho metodológico interessante e pertinente a vários exercícios analíticos antropológicos. Vejamos então mais alguns aspectos da situação social aqui em discussão.

Uma etnografia dos bastidores: missões de pacificação e suas políticas de transmissão

O show do Ministério Diante do Trono estava marcado para sete horas da noite. Mas já na parte da manhã era grande a movimentação de pessoas e grupos uniformizados no Campo do Sargento: *staff* do show, músicos, soldados do Exército, cada um com seu uniforme, sua identificação e identidade negociada. Tal como discutido por Barth (2000), as identidades forjam-se em suas fronteiras, seus encontros e confrontos e assim produziam-se as identidades negociadas neste evento específico.

Horas antes do início do espetáculo chegou ao local do show mais um grupo de pessoas uniformizadas, agora de blusas brancas, que chamou minha atenção pelo nome já conhecido que traziam estampado atrás da camisa. Este grupo estava ali contratado pelo AfroReggae para fazer a segurança do evento e estava sob a responsabilidade de um policial civil, o mesmo citado anteriormente, integrante de um dos projetos à época vinculado ao AfroReggae denominado Papo de Resposta.

O projeto Papo de Resposta, programa da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em parceria com o AfroReggae, mobilizava até final de 2011¹⁹ um grupo de policiais civis e ex-traficantes (estes últimos vinculados ao AfroReggae) que se propunham a instaurar um “diálogo com a sociedade”, especialmente através das instituições educacionais, sobre temas como “violência”, “drogas”, “cidadania” e “paz”. O nome atrás da camisa era o de um dos policiais deste projeto (que não era o responsável pela ação no dia do show), o mesmo de sua empresa de segurança privada ali contratada para o evento.

Aproximei-me do policial que comandava o grupo da segurança naquele respectivo dia e, através dele, consegui a pulseira colorida que permitia o acesso aos bastidores do show, bem como informações esclarecedoras sobre as articulações destes bastidores, ambas fundamentais à análise deste evento.

Enquanto do lado de fora do evento o exército e a polícia militar atuavam estratégica e ostensivamente na segurança pública das atividades de rua que ali se desenvolviam, por dentro e nos bastidores do show uma outra polícia imbricava-se de modo menos visível às práticas dos projetos que ali se concretizavam. Uma polícia “pacificada”, e não só pacificadora, tem participado de diferentes projetos e políticas, não apenas estatais, mas também por dentro de iniciativas da sociedade civil organizada – como o próprio projeto Papo de Resposta junto ao AfroReggae. Assim, além dos projetos específicos de segurança pública e do contingente das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPPs), outros agentes policiais entram em cena mediando a relação entre violência, segurança e promoção da paz junto à sociedade. Um dos exemplos, relacionado ao referido projeto Papo de Resposta fez, literalmente, um destes “atores” entrar em cena.

O Papo de Resposta desdobrou-se à época da ocupação do Alemão em um programa de TV denominado Papo de Polícia, idealizado pelo AfroReggae e transmitido pelo canal de TV Multishow. Este programa foi filmado no Complexo do Alemão na

semana seguinte à sua ocupação pela polícia e pelo exército e teve como protagonista o policial Roberto Chaves, idealizador do Papo de Resposta, que conviveu durante uma semana com os moradores do Complexo, quase como em um “reality show”, conversando sobre as mudanças que estavam por vir, as impressões da população, de lideranças, suas expectativas, realidades e frustrações.

No meio das conversas que conduzia com ao moradores do Alemão para o programa, Roberto identificava-se como policial – identificação necessária para o reconhecimento de sua identidade, visto que ele circulava a paisana no Complexo durante as filmagens – e era impactado pelas diferentes reações das pessoas ao se darem conta que conversavam com um membro da polícia naquele momento tão crucial da ocupação. Essa informação só era apresentada ao longo da conversa e o jogo das identidades era parte do “show”: Roberto era visto ora como um membro do AfroReggae, ora como um policial. E, àquela época, a intenção do projeto era mesmo forjar a identidade do “afro meganha”: o policial “gente boa” e “cidadão”, amigo do AfroReggae.

Mesmo não sendo um braço oficial do projeto formal de pacificação, o programa de TV Papo de Polícia foi analiticamente um elemento importante de uma extensa e significativa produção político-midiática deste processo no Rio de Janeiro. Esta experiência, assim como tantos outros produtos, tem demonstrado que não é só com ocupações militares que se faz a pacificação de um território. É preciso conquistar e ocupar também mentalidades, pontos de vista, perspectivas, e as câmeras dos mais variados programas de televisão têm participado ativamente da construção deste olhar sobre a cidade e o Estado.

Tal como show realizado no Complexo do Alemão, o programa Papo de Polícia é um evento midiático que articula produtores, produtos, audiência, artistas, celebridades, linguagens, emoções, compondo assim um conjunto particularmente significativo de mediações de certas vivências e práticas sociais. Compreendendo a mídia – sua produção, difusão, recepção e representação – como uma prática social (Ginsburg, Abu-Lughod e Larkin 2002), acompanho os interesses de uma antropologia da mídia enquanto análise das formas como as pessoas usam e dão sentido às diferentes tecnologias midiáticas, baseando-se em trabalhos etnograficamente informados, historicamente baseados e sensíveis aos diferentes contextos (Askew e Milk 2002).

Interessa-me, portanto, pensar em paisagens midiáticas (mediascapes, nos termos de Appadurai 2005) de modo a destacar a importância dos aparatos, dispositivos e agentes midiáticos na produção de questões sociais, políticas e culturais contemporâneas, seus fluxos, e o modo como estas são imaginadas. Assim sendo, o referido show no Alemão, o Programa de TV Papo de Polícia, dentre outros produtos midiáticos fundamentais a esta análise, todos estes importam aos propósitos deste estudo não apenas enquanto parte de uma situação social significativa, mas particularmente por compor uma situação social midiática significativa, que exige uma abordagem em perspectiva tanto dos mediadores quanto das mediações e mídias operadas neste contexto.

A relação entre mídia e mentalidades, no entanto, não deve de modo algum ser compreendida pela ótica dura da “manipulação” ou de uma suposta “lavagem cerebral”. Todo argumento que reforça a potência de uma mídia impessoal e reificada, constrói do outro lado uma concepção de audiência passiva e manipulável. A construção de olhares na relação com produções midiáticas se dá, tal como a entendemos, em uma arena de agências e agentes que configura polissemicamente o campo da imaginação tão bem discutido por Appadurai (2005). Ao falar em imaginação, este autor recusa sua associação às ideias de “fuga”, ou ilusão e fantasia. Para Appadurai, a imaginação habita uma linha entre a fantasia e aspectos potencialmente produtivos da imaginação, de modo que os indivíduos possam ter a habilidade de manter a tensão entre estas fronteiras e atuarem como agentes, e não como sonhadores da fantasia coletiva do capitalismo tardio.

Esta política da transmissão da missão de pacificação produz assim uma dinâmica particular de visibilidades e invisibilidades, crucial à produção do trabalho da imaginação sobre o processo em andamento. O evento da ocupação do Complexo do Alemão foi transmitido em tempo real por repórteres e cinegrafistas que se arriscavam entre trocas de tiros para mediar a relação entre o que ali acontecia e a população do estado e do país que também precisava participar daquele evento para que o mesmo tivesse a amplitude de efeitos pretendida.

O mito fundador da ocupação do Alemão se produz exatamente nesta articulação entre mídia, transmissão e visibilização, tendo por alvo uma ação do estado que se pretendia desesperadamente fazer legítima. Em uma luta hercúlea de produção de um enredo diametralmente oposto às imagens emblemáticas da fuga de bandidos da Penha para o Alemão, feitas quase que acidentalmente por um helicóptero de uma rede de TV e transmitidas ao vivo – uma das imagens mais vistas no Brasil naqueles dias –, diversas contra imagens foram veiculadas pela mídia de massa de modo a tentar afirmar a eficácia (e não o fracasso) da ação estatal em curso. Na dia a dia da ocupação do Complexo do Alemão, a polícia era, ela mesma, o carro chefe da entrada da mídia de massa, dando visibilidade a uma parte de sua ação, sempre representada como incólume e íntegra. Não era apenas a população do Alemão o alvo daquela intervenção, mas toda a população do Rio de Janeiro e do Brasil. E para que isso se realizasse plenamente, a produção e a transmissão daquelas imagens era indispensável.

A câmera acompanhava as armas dos policiais. Em uma das várias cenas daqueles dias da ocupação do Alemão, um cinegrafista, apoiado sobre o braço do policial armado, produzia imagens trêmulas cada vez que o “tranco” da arma utilizada pelo agente do estado o lançava para trás. Literalmente, o ponto de vista da câmera era a perspectiva do policial, do estado, sobre os braços do estado.

O grande fracasso midiático desta operação ideológica – não pretendo aqui avaliar a operação policial – foi a ausência de prisões de “traficantes famosos”. Enquanto dezenas de bandidos armados fugindo em disparada da Vila Cruzeiro para o Alemão protagonizaram a principal imagem deste evento, seu final não foi tão

triumfante. Apesar de criados o cenário e a situação – os bandidos deveriam sair do Complexo com as mãos para o alto e entregarem-se em um local determinado onde estavam os policiais, o Exército e a imprensa (esta última para garantir a “segurança dos bandidos”) –, este *grand finale* não se deu como esperado e a pergunta ficou no ar. Onde foram parar os bandidos que não se entregaram? Qual seria o enredo desta história, sob outra perspectiva?

Se uma perspectiva bandida, sob a ótica dos traficantes, era impossível de se capturar na grande mídia, e certamente não era interessante no escopo mais amplo do projeto de pacificação, o ponto de vista dos moradores do Alemão podia supostamente ser apreendido por um de seus mediadores privilegiados – o AfroReggae – e era pertinente à situação. E já que uma nova relação com os agentes do estado era necessária em um território ocupado, seria interessante ouvir a voz dos moradores em seu diálogo com um policial – policial este honesto, solidário, tolerante, socialmente responsável, “bom de papo” (um dos jargões do Papo de Resposta), pacificado e pacificador. A face do estado que se queria naquele contexto e naquele momento. Este lugar de mediador privilegiado confirma a potência legitimadora do AfroReggae, capaz de aparentemente neutralizar até mesmo esta tensa mistura de policiais com a população das favelas do Rio de Janeiro. Assim se configurou o programa de TV Papo de Polícia.

Se o show da banda gospel Diante do Trono no Alemão suscita inúmeras questões sobre a relação entre religião e pacificação, e o Programa de TV Papo de Polícia abre outra importante janela para uma reflexão acerca da relação entre polícia pacificada, mídia e intervenções pacificadoras, como mediador de destaque nestes dois projetos, o Grupo Cultural AfroReggae e suas ações no Rio de Janeiro demandam hoje especial reflexão. Articulando mídia de massa, cultura da periferia, projetos “do bem”, programas de Estado, religião, polícia, política, a “voz das favelas” e financiamentos públicos e privados, o AfroReggae é um agenciador privilegiado do dispositivo de pacificação no Rio de Janeiro e do projeto de redenção moral do estado, e suas propostas programáticas perante a população carioca e fluminense.

A abrangência atual desta ONG no Rio de Janeiro demanda um dedicado esforço analítico e certamente cada novo estudo sobre suas atividades trará relevantes questões para uma análise da atuação do governo do Estado do Rio em suas periferias. Associada a programas de saúde, segurança pública, administração penitenciária, projetos de “ressocialização”, cultura, lazer, mídia de massa, religião e esporte, seu tamanho e seus efeitos no Rio de Janeiro hoje não podem nem devem passar despercebidos.

Muitas vezes “invisibilizado” no papel de “simples mediador” das ações que promove, o Grupo Cultural AfroReggae ocupa nos anos 2000, especialmente em sua segunda década, um lugar tão crucial nas políticas sociais fluminenses que, arrisco dizer, é praticamente impossível falar do Governo do Estado do Rio de Janeiro neste momento sem tratar – evidente ou sub-repticiamente – desta ONG e seus projetos.

À guisa de conclusão: é muita mistura?

A análise do show do Ministério Diante do Trono no Complexo do Alemão aqui desenvolvida procurou evidenciar mediadores e mediações privilegiadas da relação entre religião, política e mídia no Rio de Janeiro. Destacou-se nesta abordagem um debate sobre o trabalho da imaginação, tal como discutido por Appadurai (2005) enquanto um campo de produção de agências e agentes, e não um território passivo de manipulação de uma mídia reificada sobre uma audiência inerte.

Discutiu-se neste artigo, através de um olhar sobre o projeto de pacificação da segurança pública fluminense, o processo de produção e manutenção efetiva de um projeto moral de redenção conduzido pelo Estado do Rio de Janeiro, de modo a associar a libertação político-estatal dos territórios do domínio do crime, com a libertação religiosa cristã do pecado, do mal e do inimigo.

A aparente “mistura” que se realizou naquele dia do show da banda gospel Diante do Trono, no Complexo do Alemão, confirmou-se, nesta análise, mais convergente do que poderia parecer à Dona Maria. Diferentes projetos de redenção do Rio de Janeiro encontravam-se naquele lugar, que no momento representava o ícone da pacificação no Estado: o temido e perigoso Complexo do Alemão, agora dominado. Dominado pelo Estado, pelo exército, pelo governo, por Cristo e pela sociedade civil organizada. Tentando ocupar o lugar do tráfico e blindar moralmente o Complexo contra o crime, o mal e o pecado, uma densa trama de agentes se articulou visando ocupar física e simbolicamente o Alemão. Como se tantos fossem necessários para cobrir as diversas frentes da atuação das facções criminosas cariocas: política, sociabilidade, entretenimento, arte e fé.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. (2005), *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ASAD, Talal. (1993), “Genealogies of Religion: Discipline and Reasons of Power”. In: *Christianity and Islam*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.
- _____. (2003), *Formations of The Secular: Christianity, Islam, Modernity*. California: Stanford University Press.
- BARTH, Fredrik. (2000), *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- BIRMAN, Patricia (Org.). (2003), *Religião e Espaço Público*. São Paulo: Attar Editorial.
- _____. (2012), “Cruzadas pela Paz: Práticas Religiosas e Projetos Seculares Relacionados à Questão da Violência no Rio de Janeiro”. *Religião e Sociedade*, v. 32, nº. 1: 209-226.
- _____. e MACHADO, Carly. (2012), “A violência dos justos: evangélicos, mídia e periferias da metrópole”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 27, nº 80: 55-69.
- DAS, Veena e POOLE, Deborah (Org.). (2004), *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe: School of American Research Press.
- FERREIRA, Marieta de Moraes e BRITTO, Ângela (Org.). (2010), *Segurança e cidadania: memórias do Pronasci*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

- FOUCAULT, Michel. (1979), *A Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. (1988), *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- _____. (2008), *Segurança, Território, População: Curso Dado no College de France 1977-1978*. São Paulo: Martins Fontes.
- GIUMBELLI, Emerson. (2002), *O Fim da Religião: Dilemas da Liberdade Religiosa no Brasil e na França*. São Paulo: Attar Editorial.
- _____. (2008), “A modernidade do Cristo Redentor”. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, v. 51, nº.1: 75-105.
- GLUCKMAN, Max. (1986), “Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna”. In: B. Feldman Bianco (Org.). *Antropologia das Sociedades Complexas*. São Paulo: Global.
- HIRSCHKIND, Charles. (2006), *The Ethical Soundscape: Cassette Sermons and Islamic Counterpublics*. New York: Columbia University Press.
- LATOUR, Bruno. (2001), *A Esperança de Pandora*. São Paulo: EDUSC.
- LATOUR, Bruno e WOOLGAR, Steve. (1997), *A Vida de Laboratório: A Produção dos Fatos Científicos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- MARIZ, Cecília. (1999), “A Teologia da Batalha Espiritual: uma Revisão da Literatura”. *BIB*, nº 47: 33-48.
- MEYER, Birgit e MOORS, Annelies. (2006), *Religion, Media and The Public Sphere*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.
- MONTEIRO, Paula. (2012), *Selvagens, civilizados, autênticos: a produção das diferenças nas etnografias salesianas (1920-1970)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- OOSTERBAAN, Martijn. (2009), “Sonic Supremacy: Sound, Space and Charisma in a Favela in Rio de Janeiro”. *Critique of Anthropology*, nº 29: 81-104.
- PAULA, Robson de. (2007), “Os Cantores do Senhor: Três Trajetórias em um Processo de Industrialização da Música Evangélica no Brasil”. *Religião e Sociedade*, v. 27, nº. 2: 55-84.
- ROSAS, Nina. (2013), “Religião, Mídia e Produção Fonográfica: o Diante do Trono e as Disputas com a Igreja Universal”. *Religião e Sociedade*, v. 33, nº 1: 167-193.
- SANT’ANNA, Raquel. (2013), “Estrutura de Sentimento: Reflexões Conceituais e Metodológicas a Partir da Análise da ‘Marcha para Jesus’”. Trabalho apresentado no evento Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois, na Universidade Federal Fluminense, de 30 de setembro a 04 de outubro de 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2013/Trabalhos/Amc501.pdf> - acesso em 26 de novembro de 2013.
- SILVA, Luiz Antonio Machado (Org.). (2008), *Vida Sob Cerco: Violência e Rotina nas Favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- TEIXEIRA, Cesar. (2011), *A Construção Social do Ex-Bandido: um Estudo sobre Sujeição Criminal e Pentecostalismo*. Rio de Janeiro: Editora 7Letras.

Notas

- ¹ A primeira versão deste trabalho foi apresentada Grupo de Trabalho “Práticas e percepções da vida social e seus elos religiosos”, na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, a ser realizada de 2 a 5 de julho de 2012, na PUC-SP, em São Paulo-SP. Este trabalho desenvolveu-se no âmbito do projeto de pesquisa “Crime e religião: mediadores sociais do projeto de pacificação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro”, financiado pela FAPERJ, de 2011 a 2013.
- ² Grupo de música gospel de Minas Gerais ligado à Igreja Batista da Lagoinha, cujo conjunto de ações envolve shows do grupo (sempre com grande público), gravação de CDs e DVDs, um Centro de Treinamento Ministerial que recebe estudantes de todo o Brasil, projeto para crianças, entre outros projetos. Os CDs do Diante do Trono são neste momento produzidos com o selo Som Livre, braço da TV Globo no ramo musical. A gravação do CD e DVD “Creio”, em 2012, realizada em Manaus-

AM, contou com um público estimado de 800 mil a 1 milhão de pessoas. Vale citar o texto de Rosas publicado em R&S.

- ³ De acordo com dados oficiais do Governo do Estado e do Censo do IBGE, o Complexo do Alemão é composto por 15 “comunidades” (uso aqui a categoria descritiva do Governo): Itararé, Joaquim de Queiróz, Mourão Filho, Nova Brasília, Morro das Palmeiras, Parque Alvorada, Relicário, Rua 1 pela Ademas, Vila Matinha, Morro do Piancó, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Estrada do Itararé, Morro do Alemão e Armando Sodré. O nome do Morro do Alemão, que batiza todo o complexo, faz referência, de acordo com estas fontes, ao antigo dono das terras que iam da Travessa Laurinda ao Largo do Itararé, o polonês Leonard Kaczmarkiewicz. Possui oficialmente mais de 60 mil habitantes e 18 mil domicílios. Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão foi, por muitos anos, apontado pelo poder público fluminense como uma das áreas mais perigosas do Rio de Janeiro e como território fortemente controlado pelo tráfico de drogas. O Campo do Sargento, local da realização do evento aqui analisado, é um espaço privilegiado para realização de eventos no Complexo do Alemão, especialmente aqueles com a presença do poder público e da grande mídia de massa. Sua localização é central e de fácil acesso com veículos motorizados, permitindo a chegada de carros e ônibus. Desde o início do processo de pacificação no Estado do Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão sempre foi considerado, lado a lado com a Rocinha (favela na Zona Sul, com mais de 70 mil habitantes e apontada como a maior da América Latina), um dos grandes desafios estratégicos deste projeto.
- ⁴ Texto de Celso Marcondes sobre a ocupação do Complexo do Alemão na revista Carta Capital: “A ocupação do Morro do Alemão começou às 7h50 deste domingo 28 [novembro de 2010]. Televisão e rádio com transmissão ao vivo nos dão conta que a maioria da população carioca apoia a ação e que a esmagadora maioria dos moradores do Alemão não tem nada a ver com os traficantes. O comandante da PM aparece na tela e o repórter informa que ele orienta seus homens – são mais de 2 mil entre militares, civis e das Forças Armadas – a ‘revistar casa a casa’ para encontrar os marginais. Calcula-se em 30 mil o número de residências a passar por este procedimento. Apenas tiroteios esparsos aconteceram até as 11h10 desta manhã, não houve até então uma grande resistência, para surpresa de todos. Direto do local da ação, a internet é a arma de moradores acuados e amedrontados para expressar suas opiniões. Se você quiser conhecê-los, acesse pelo Twittter @vozdacomunidade.” Disponível em <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-ocupacao-do-complexo-do-alemao-e-as-analises-sobre-a-guerra-ao-trafico-no-rio/> – acesso em 10 de maio de 2012.
- ⁵ O AfroReggae é uma ONG do Rio de Janeiro que se apresenta com a missão de: “Promover a inclusão e a justiça social, utilizando a arte, a cultura afro-brasileira e a educação como ferramentas para a criação de pontes que unam as diferenças e sirvam como alicerces para a sustentabilidade e o exercício da cidadania”. Disponível em: <http://www.afroreggae.org/memoria> – acesso em 18 de abril de 2013.
- ⁶ O Ministério Tropa de Louvor é uma banda gospel formada por agentes do BOPE. Dentre suas atuações, foram frequentes os shows em territórios pacificados, logo após sua ocupação pela polícia militar.
- ⁷ Fernanda Brum, Ana Paula Valadão e Ludmila Ferber são cantoras muito conhecidas do mundo gospel. Fernanda Brum lançou seu primeiro CD em 1993 e desde então tem uma carreira expansiva, com grandes sucessos em rádios evangélicas e intensa participação em shows de grande público, como aqueles realizados na Praça da Apoteose no Rio de Janeiro, no Aterro do Flamengo (Festival Promessas), entre outros. Fernanda Brum já participou do Domingão do Faustão e outros programas da TV brasileira. Ana Paula Valadão é componente do Ministério Diante do Trono, iniciado em 1998. Foi considerada um dos 100 maiores brasileiros de todos os tempos por uma pesquisa da emissora SBT em parceria com a BBC de Londres na qual o público, pela internet, sugeria nomes de pessoas que podiam ser consideradas grandes ícones do Brasil. Ana Paula ocupou a 97ª posição e, em 11 de julho de 2012, participou do programa O Maior Brasileiro de Todos os Tempos exibido pelo canal de Sílvio Santos. Já participou diversas vezes do programa Domingão do Faustão, da Rede Globo. Ludmila Ferber lançou seu primeiro CD em 1996. É cantora gospel e pastora da Igreja Celular Internacional do Rio de Janeiro. Já participou de diversas gravações do Diante do Trono.
- ⁸ Ao abordar o estado a partir da perspectiva de sua produção nas margens, tal como pensado por Das

e Poole (2004), opto por apresentar a palavra com letra minúscula, tal qual a sugestão conceitual das próprias autoras. A grafia com maiúscula será preservada nos contextos em que a referência for ao Governo do Estado e outras representações do Estado formal e institucional.

- ⁹ A Natura é uma empresa brasileira de cosméticos fortemente influente no mercado nacional e em expansão para diferentes países na América Latina, além de França e EUA. Sua comercialização não se dá através de lojas, mas exclusivamente através de seus consultores e consultoras que realizam o modelo de venda direta. Sua marca apoia-se em um marketing relacionado às práticas sustentáveis associadas à empresa, assim como seu apoio a diversos projetos sociais em todo o país. “Nossas políticas de Qualidade, Meio Ambiente, Segurança do Produto e Segurança e Saúde no Trabalho são nossos guias no estabelecimento de estratégias e direcionamentos para todos os públicos que trabalham conosco diariamente. Elas são a base para nossa tomada de decisões e procuram refletir nossos objetivos de proporcionar o bem estar bem”. Disponível em <http://www.natura.com.br/institucional/sobre-a-natura/politicas> – acesso em 26 de novembro de 2013.
- ¹⁰ Passei este dia no Alemão com o antropólogo Martijn Oosterbaan da Universidade de Utrecht – Holanda, responsável pelos contatos no Complexo e por muitas das reflexões aqui desenvolvidas.
- ¹¹ Oosterbaan analisa o modo como diferentes grupos exercitam uma política da presença através dos sons que produzem na densidade urbana da favela. A disputa sonora interpretada pelo autor é aquela da tensão entre o funk e a música gospel na paisagem sonora de uma favela carioca e o modo como nessas ações articulam-se som, territorialidade, arquitetura e carisma.
- ¹² Cf. o trabalho de Lícia Valladares (2005) que explora as diferentes percepções negativas das favelas, como lugares de moradia das “classes perigosas”.
- ¹³ Apresentação disponível no site da ONG. <http://www.afroreggae.org/> – acesso em 08 de dezembro de 2013.
- ¹⁴ Disponível em <http://www.afroreggae.org/grupos-artisticos/segunda-feira-de-carnaval-tem-bloco-afroreggae-na-orla-de-ipanema-as-9h> – acesso em 08 de dezembro de 2013.
- ¹⁵ Disponível em <http://www.afroreggae.org/conexoes/53048> – acesso em 14 de janeiro de 2012.
- ¹⁶ <http://www.youtube.com/watch?v=IwbnS6PgQgs> – acesso em 24 de novembro de 2013.
- ¹⁷ Fotos do Congresso Mulheres Diante do Trono, de 2013, estão disponíveis em <http://www.diantedotrono.com/sites/cobertura-mulheres-2013/fotos/> – acesso em 24 de novembro de 2013.
- ¹⁸ Como foi a sua juventude? Perdi muitos amigos, pessoas que amava. Costumo dizer que estas mortes e as coisas que eu fazia e que davam errado foram o combustível para criar o AfroReggae. Antes disso, tudo deu errado na minha vida. Sem exceção. As minhas pretensões profissionais eram muito limitadas: ser *office boy*, entregador de jornal, vendedor de sanduíches, taxista. E tudo dava errado. Queria, como qualquer jovem, ser rico, fazer sucesso. Mas percebia que havia algo forte em mim: a espiritualidade. Frequentei muitas religiões: Testemunha de Jeová, Igreja Universal, Candomblé, Umbanda, Hare Krishna, Hinduísmo, Budismo... E quando foi que você percebeu que sua vida podia ser diferente? O *start* para mim foi quando assisti a uma palestra sobre mitologia hindu. Lá descobri uma divindade chamada Shiva, que representa a destruição e a transformação. Aí comecei a fazer uma série de analogias de Shiva com a minha vida. Quando tinha 21 anos, percebi que existia uma lacuna entre os jovens do lugar onde eu morava. Fora eu, o cara mais velho tinha 16 anos. Tinha moleque preso, morto, que já tinha ido embora. E eu, que nunca havia sido líder de nada, virei líder porque tinha 21 anos. E comecei a lidar com polícia, bandido, tráfico, crime, prostituição. Por isso acredito que tive duas formações: a espiritualidade e a rua. Entrevista disponível em <http://www.almanaquebrasil.com.br/politica/7919-queremos-ser-a-primeira-empresa-social-do-brasil.html> – acesso em 09/04/2012.
- ¹⁹ A parceria entre o Papo de Resposta e o AfroReggae terminou em dezembro de 2011 e o projeto voltou ao seu formato original com a presença apenas dos policiais civis envolvidos.

Recebido em julho de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.

Carly Machado (machado.carly@gmail.com)

Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da UERJ, é professora de Antropologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ. Desenvolve pesquisas que articulam as temáticas de religião, mídia, política e periferias. Atua no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRRJ compondo a Linha de Pesquisa “Dinâmicas sociais, práticas culturais, representações e subjetividade”. Integra o Núcleo de Pesquisa Cultis – Cultura, identidade e subjetividades, também da UFRRJ.

Resumo:

“É muita mistura”: projetos religiosos, políticos, sociais, midiáticos, de saúde e segurança pública nas periferias do Rio de Janeiro

O presente artigo se propõe a analisar o show da banda gospel Ministério Diante do Trono, no Complexo do Alemão, realizado três meses após sua ocupação pelo Exército no contexto da política de pacificação, visando discutir mediadores e mediações privilegiados da relação entre religião, política e mídia no Rio de Janeiro. Tal perspectiva parte da ideia de que a paisagem midiática é crucial para a discussão de questões políticas, sociais e religiosas na atualidade, no Estado do Rio. Através de um olhar sobre o programa de pacificação promovido pela segurança pública fluminense, este artigo aborda o processo de produção e manutenção efetiva de um projeto moral de redenção conduzido pelo Estado do Rio de Janeiro, de modo associar a “libertação” político-estatal dos territórios do domínio do crime, com a libertação religiosa cristã do pecado, do mal e do inimigo.

Palavras-chave: religião, mídia, política, cidade.

Abstract:

“This is too mixed”: social and mediatic projects, health and public safety programs, religion and politics in the peripheries of Rio de Janeiro

This article aims to analyze the show of the Brazilian gospel band Ministério Diante do Trono that took place at Complexo do Alemão – RJ, performed three months after its occupation by the Army in the context of the policy of “pacificação” (pacification), in order to discuss privileged mediators and mediation of the relationship among religion, politics and media in Rio de Janeiro. This perspective is based on the idea that the media landscape is crucial to the discussion of political, social and religious issues today in the state of Rio. Through an analysis of the pacification program promoted by the public safety state policy, this article discusses the process of production and maintenance of an effective moral project of redemption conducted by the government of the state of Rio de Janeiro, in order to associate the political “liberation” of some territories from the domain of crime, with a Christian religious liberation from sin, evil and the enemy.

Keywords: religion, media, politics, city.